

## MANEJO DE DINHEIRO: POSSÍVEIS RELAÇÕES COM O AJUSTAMENTO E A VIOLÊNCIA EM CASAIS

Josiane Razera

UNISINOS - Universidade do Vale dos Sinos - RS

Cláudia Mara Cenci

IMED - Faculdade Meridional - RS

Denise Falcke

UNISINOS - Universidade do Vale dos Sinos - RS

### Resumo

O manejo do dinheiro pelos casais pode proporcionar melhores índices de ajustamento ou relacionar-se ao surgimento de conflitos conjugais. O objetivo foi investigar as formas de manejo do dinheiro e comparar os níveis de ajustamento e violência conjugal entre elas. Realizou-se uma pesquisa comparativa, com uma amostra de 372 participantes. Os resultados apontaram que 57,3% dos participantes referiram que ambos os cônjuges controlam as finanças do casal, 16,4% que apenas controla o dinheiro e 26,3% que o casal mantém finanças separadas. O ajustamento conjugal diferenciou-se conforme o manejo de dinheiro ( $F=9,128$ ;  $p<0,001$ ), obtendo melhores índices o grupo no qual as decisões sobre dinheiro eram compartilhadas por ambos. Não houve diferença nos índices de violência conforme o manejo do dinheiro.

*Palavras-chave:* dinheiro; ajustamento conjugal; violência na família.

### Abstract

#### Money Management: Possible Relations with Adjustment and Violence in Couples

The money management may provide better indexes in adjustment or arouse conjugal conflicts. The objective was to investigate forms of money management and compare levels of adjustment and conjugal violence. This comparative research used a sample of 372 participants. Results showed that, among the participants, 57.3% referred both spouses as responsible for controlling conjugal finances, 16.4% as only one in control, and 26.3% revealed they separately keep their finances. Difference was found in conjugal adjustment related to money management ( $F= 9.128$ ;  $p<0,001$ ), and the group in which decisions about money were shared between both spouses obtained better indexes. No significant difference was found in violence indexes related to money management.

*Key-words:* money; conjugal adjustment; family violence.

### Introdução

O manejo do dinheiro pelos casais tem despertado o interesse de

pesquisadores, visto que o mesmo pode estar associado à qualidade de vida aos cônjuges (Barros & Jeunon, 2012; Archuleta, 2013; Harth & Falcke, 2013). No entanto, a maneira com que os casais relacionam-se com o dinheiro, muitas vezes, também pode ocasionar o surgimento de conflitos na conjugalidade (Mosmann & Falcke, 2011; Robila & Krishnakumar, 2005; Russo, 2011), levando os casais, em alguns casos, à separação (Guimarães, 2007). As dificuldades financeiras podem tornar-se fontes estressoras na relação e, conseqüentemente, acarretar a queda da intimidade e da qualidade conjugal (Hardie & Lucas, 2010; Zimmerman & Roberts, 2012), afetando, inclusive, a vida sexual do casal (Addo & Sassler, 2010; Guimarães, 2007).

Féres-Carneiro (1998) ressalta que todo fascínio e toda dificuldade de ser casal reside no fato de conciliar na sua dinâmica, ao mesmo tempo, duas individualidades e uma conjugalidade. Nesse sentido, para McGoldrick (1995), o casamento constitui uma das tarefas mais difíceis do ciclo de vida familiar, pois, muitos são os obstáculos que os cônjuges necessitam superar em busca de uma vida conjugal harmoniosa. Dessa forma, entende-se que todo casal possui duas histórias de vida e duas formas de lidar com as adversidades das relações

interpessoais (Féres-Carneiro, 1998), sendo que cada cônjuge já internalizou, antes do casamento, as diferentes formas de pensar sobre a vida, a relação, e, inclusive, sobre o dinheiro (Xavier, 2013). Nesse sentido, observa-se que na família de origem, principalmente, são estabelecidos os meios pelos quais os indivíduos constituem o significado que o dinheiro tem para si (Guimarães, 2007).

A união conjugal possui diferentes funções, que se modificam com o transcorrer da vida do casal. Em cada etapa do desenvolvimento, novas combinações, exigências e conflitos podem surgir, e, com eles, novas capacidades são demandadas do casal para a superação de tais crises. Atualmente, a complexidade das exigências familiares e sociais, as novas configurações das famílias, em que as relações ficam fragilizadas devido ao acúmulo de atividades, a redução do tempo compartilhado e a falta de diálogo podem atingir diretamente a dinâmica conjugal, levando-a, conseqüentemente, a períodos de intolerância, irritabilidade e fadiga. Essas atitudes podem ser descarregadas no cônjuge através do descaso, desrespeito e de distorções na comunicação que poderão, por fim, resultar em alguma forma de violência (Figueredo, 2005).

Sabe-se que a violência conjugal não é determinada pelas condições socioeconômicas dos cônjuges. Em

contrapartida, o que se observa é que os casais com condições financeiras mais baixas vivenciam mais discussões sobre a falta de dinheiro ou de como e para onde este será direcionado (Diniz, Lopes, Gesteira, Alves & Gomes, 2003). Ao encontro disso, um estudo realizado na Romênia, por Robila e Krishnakumar (2005), com 239 participantes do gênero feminino, buscou investigar a associação entre questões econômicas e os conflitos conjugais apresentadas na amostra. As autoras verificaram que níveis elevados de dificuldades financeiras estavam associados ao aumento dos conflitos conjugais, o que, indiretamente, também foi relacionado com os altos índices de depressão.

Sistemicamente entende-se que todos os casais estão sujeitos a existência de conflitos na relação. Porém, cabe ressaltar que as questões financeiras dos casais, especialmente, possuem a capacidade de desencadeá-los no relacionamento (Mosmann & Falcke, 2011). Nesse aspecto, é importante observar as estratégias utilizadas pelos indivíduos, que, frequentemente, buscam métodos ineficazes como a agressão e a violência a fim de resolvê-los (Barreto, Maluschke, Almeida & De Souza, 2009). Em contrapartida, nota-se que as estratégias de negociação e comunicação

empregadas nesses casos relacionam-se a um melhor nível de ajustamento conjugal (Figueredo, 2005).

O ajustamento conjugal pode ser compreendido como um reflexo da comunicação e dos processos conjugais adotados pelo casal (Spanier & Cole citados por Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2006). Geralmente, esse aspecto é avaliado a partir da percepção que os cônjuges têm sobre o seu relacionamento, através de quatro dimensões: o consenso, que trata da percepção de cada cônjuge sobre o nível de concordância do casal sobre variáveis, como dinheiro, tempo utilizado para lazer, religião, amizades, filosofias de vida, negócios e decisões profissionais, metas, tempo juntos, tomadas de decisão e atividades domésticas; a satisfação conjugal, dimensão que visa mensurar as percepções individuais sobre questões como divórcio, a possibilidade de sair de casa após uma briga, se os cônjuges sentem-se arrependidos com o casamento, a existência de implicância mútua, ao bem-estar dos cônjuges, a confiança no(a) parceiro(a), o beijo no cônjuge, os níveis de felicidade e de compromisso com o futuro do relacionamento; a coesão da díade conjugal, que avalia o compartilhamento emocional do casal, o engajamento entre o casal para interesses

externos, a tranquilidade para discussões, estímulo de ideias, diversão e projetos conjuntos; e, por último, a expressão do afeto, analisada através da concordância do casal sobre as demonstrações de afeto, a falta de amor, as relações sexuais ou recusas as mesmas (Spanier, 1976).

Existe uma preocupação no meio científico em avaliar as variáveis que podem afetar os níveis de qualidade e ajustamento conjugal, como é o caso do dinheiro. Zimmerman e Roberts (2012) utilizaram programas de gestão financeira com 32 casais participantes, partindo dos pressupostos de que o estresse ocasionado pelo dinheiro influencia negativamente nas expressões de carinho e apoio ao cônjuge. Além disso, a insatisfação financeira pode levar a redução dos níveis de qualidade conjugal. Os autores destacam que, quando os casais vivenciam alguma dificuldade relacionada ao dinheiro, a comunicação é uma das práticas relacionais mais afetadas entre os cônjuges. Contudo, destaca-se a importância de meios de comunicação e gestão financeira nos casais (Skogrand, Johnson, Horrocks & De Frain, 2011), pois estas são maneiras de conhecer os problemas financeiros dos cônjuges, pensarem juntos em estratégias de solução, e, até mesmo promover os esclarecimentos de possíveis equívocos que um parceiro possa fazer sobre o outro (Zimmerman & Roberts, 2012).

Atualmente, os estilos de manejo do dinheiro ou gestão financeira compartilhados pelo casal vêm sendo apontados como preditores de melhores índices de qualidade e/ou ajustamento conjugal. Archuleta (2013) aponta que os valores em comum dos cônjuges sobre dinheiro e objetivos compartilhados podem direcionar maior qualidade percebida pelos casais na relação. A autora fala da importância da satisfação financeira entre os cônjuges, reforçando que, conforme o aumento da idade e anos de casamento, da renda familiar e dos objetivos em comum, maior a chance de casais tornarem-se mais satisfeitos com a relação. Além disso, para Addo e Sassler (2010), o não compartilhamento das questões financeiras entre os cônjuges associa-se, conseqüentemente, com a redução da intimidade sexual dos casais.

A conjugalidade de 38 casais brasileiros, pertencentes à região metropolitana de São Paulo, foi avaliada por Norgren, Souza, Kaslow, Kammerschmidt e Sharlin (2004). Os autores perceberam que o status financeiro do casal é uma das variáveis que interfere na satisfação dos cônjuges. Neste sentido, Harth e Falcke (2013) também sinaliza que as condições financeiras dos cônjuges podem ser preditoras de menores índices de qualidade conjugal e não apenas a

forma que os casais utilizam para administrar suas finanças.

Na pesquisa de Pergher (2010), foram avaliadas as variáveis determinantes para avaliação da qualidade do relacionamento conjugal, sendo uma variável destacada a configuração de divisão financeira, pois, mesmo que as mulheres estejam ganhando espaço no mercado de trabalho, em muitos casos, os homens ainda são provedores do sustento familiar e pontos de conflitos podem surgir quando o homem sente-se na obrigação de sustentar o lar, sendo a mulher apenas participante das divisões de despesas. As mulheres, mesmo com maior independência financeira, segundo Perlin (2006), ainda sentem-se dependentes do companheiro para as decisões sobre o destino do dinheiro.

Considerando que as questões financeiras estão ligadas a aspectos de ajustamento conjugal e, inclusive, a aspectos potencialmente conflituosos da relação, o objetivo desta pesquisa foi investigar de que forma os casais manejam o dinheiro e comparar os níveis de ajustamento e violência conjugal conforme as formas de manejo adotadas.

## **Método**

### *Participantes*

Foi realizada uma pesquisa quantitativa e comparativa, com uma amostra composta por 372 participantes. Os mesmos foram selecionados por conveniência e por indicação de conhecidos, o que caracterizou um procedimento de amostragem por “bola de neve”. A maior parte dos respondentes foi localizada na região metropolitana de Porto Alegre, RS. A idade dos mesmos teve variação de 19 a 81 anos ( $m=39,92$ ;  $dp=12,62$ ), a renda pessoal mensal ficou entre zero e 45 mil reais mensais ( $m=3.541,98$ ;  $dp=4.218,23$ ). Com relação à situação conjugal, 56,7% dos participantes eram casados oficialmente e 43,3% estavam morando juntos. No que se refere a filhos, 63,8% da amostra possuem e 36,2% não possuem filhos. A maior parte da amostra tem ensino superior ou está realizando um curso de graduação (49,4%). Com relação ao exercício de atividades remuneradas, é realizada pela maior parte dos participantes (85%) e a religião predominante entre os casais foi a Católica (69,9%).

Tabela 1 –

*Frequências e percentuais das características sociodemográficas da amostra*

Características		N	%
Situação Conjugal	Casados oficialmente	206	56,7
	Morando juntos	157	43,3
Casamento anterior	Sim	75	20,4
	Não	293	79,6
Filhos	Sim	236	63,8
	Não	134	36,2
Escolaridade	Sem instrução	2	0,6
	Fundamental	30	8,6
	Médio	145	41,4
	Superior (em andamento ou concluído)	173	49,4
Exerce atividade remunerada	Sim	305	85
	Não	54	15
Religião	Católica	251	69,9
	Evangélica	28	7,8
	Protestante	12	3,3
	Espírita	28	7,8
	Outra	18	5
	Sem religião	22	6,1

### *Instrumentos*

Para a realização desta pesquisa foram utilizados três instrumentos, que são:

a) Questionário de Dados Sociodemográficos: composto por 19 questões que permitem descrever os sujeitos conforme gênero, escolaridade, idade, situação conjugal, existência de filhos, renda pessoal e outras questões relacionadas à religiosidade e ao tempo de casamento.

b) *Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)*: escala autoaplicável que foi desenvolvida por Straus, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman (1996) e adaptada ao português por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002). Trata-se de um instrumento composto por 78 itens que descrevem ações do respondente (sujeito) e, também, como ele percebe as ações de seu(sua) companheiro(a). Através deste instrumento, são avaliadas cinco dimensões, divididas em: 1) violência física;

2) agressão psicológica; 3) coerção sexual;  
4) lesão corporal; e, 5) negociação.

c) *Dyadic Adjustment Scale* (DAS): este instrumento investiga a percepção dos cônjuges sobre seu relacionamento, considerando quatro dimensões: consenso, satisfação, coesão e expressão de afeto. É composto por 32 questões, respondidas numa escala tipo *likert* de cinco e sete pontos, além de duas questões respondidas em escala nominal, ‘Sim’ ou ‘Não’ (Spanier, 1976).

#### *Procedimentos para Coleta e Análise de Dados*

A presente pesquisa buscou atender os cuidados éticos para estudos que envolvem seres humanos (seguindo as orientações éticas da Resolução CNS nº466/12 do Conselho Nacional de Saúde), o projeto de pesquisa contou com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, através do protocolo 11/129.

Para fins de localizar os participantes, foram realizados contatos telefônicos para convite e, após o aceite, agendado o local conforme desejo dos

mesmos. Os instrumentos foram aplicados nos participantes com a presença de um pesquisador. Antes de iniciar a aplicação dos questionários, os participantes receberam orientações acerca dos cuidados éticos da pesquisa, bem como a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

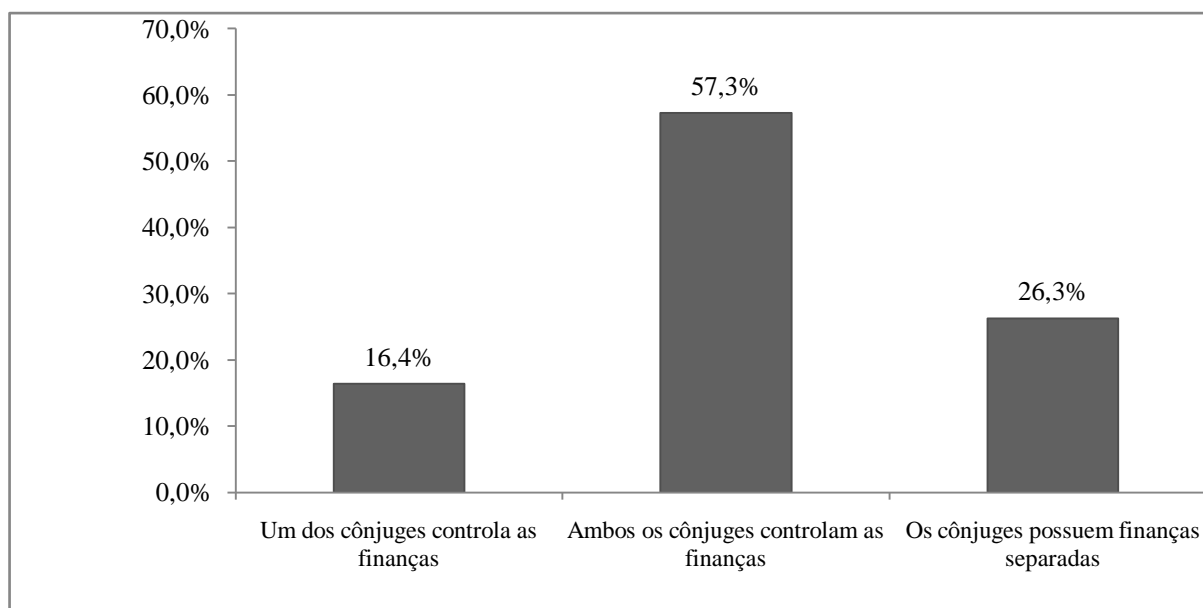
Foram realizadas análises descritivas de frequência e o Teste ANOVA (*Analysis of Variance*) para analisar o comportamento das variáveis desta pesquisa. O programa *SPSS* (*Statistical Package for Social Science*, versão 20.0) deu suporte para realização dos cálculos estatísticos.

### **Resultados**

Com base no questionamento relacionado à situação de manejo do dinheiro, os dados apontaram que 16,4% dos participantes responderam que apenas um dos cônjuges controla o dinheiro, enquanto 57,3% referiram que ambos controlam as finanças e 26,3% dos participantes apontam que mantêm finanças separadas.

Figural1:

*Características Relacionadas ao Manejo do Dinheiro dos Casais (n=372)*



Na análise comparativa entre esses três grupos definidos conforme as estratégias de manejo dos conflitos, observaram-se diferenças estatisticamente significativas ( $F=3,840$ ;  $p=0,024$ ) em relação à percepção que os participantes tiveram sobre o uso de negociação pelo companheiro. Da mesma forma, os participantes que referiram ter finanças compartilhadas ( $m=22,45$ ;  $dp=3,95$ ) consideraram que os seus parceiros utilizavam mais estratégias de negociação, quando comparados aos que possuem finanças separadas ( $m=20,56$ ;  $dp=4,17$ ) ou aqueles que indicaram que apenas um dos cônjuges controla as finanças do casal ( $m=20,64$ ;  $dp=5,16$ ). No que se refere à negociação do próprio sujeito, não houve

diferenciação significativa ( $p=0,275$ ) entre os participantes dos três grupos.

Embora não seja um dado estatisticamente significativo ( $F=2,750$ ;  $p=0,067$ ), pode-se observar uma tendência para a existência da coerção sexual menor do(a) companheiro(a), quando o participante revela que um dos cônjuges controla as finanças do casal ( $m=3,81$ ;  $dp=1,24$ ), diferente do grupo de respondentes que referiram ser o dinheiro controlado por ambos os cônjuges ( $m=3,34$ ;  $dp=0,97$ ) e naqueles indivíduos que possuem finanças separadas ( $m=3,29$ ;  $dp=0,85$ ). Para a coerção sexual grave, não observou-se diferença significativa ( $p=0,595$ ) entre a forma de manejo do dinheiro dos casais.



A análise revelou a que violência física grave, tanto do sujeito ( $p=0,635$ ) quanto do(a) seu(sua) companheiro(a) ( $p=0,872$ ), não apresentou diferença conforme o modo com que os participantes manejam o dinheiro. Na mesma perspectiva, percebe-se que a violência física menor do sujeito ( $p=0,477$ ) e do(a) companheiro(a) ( $p=0,708$ ), a lesão corporal grave do sujeito ( $p=0,751$ ) e do(a) companheiro(a) ( $p=0,695$ ), a lesão corporal menor do sujeito ( $p=0,491$ ) e do(a) companheiro(a) ( $p=0,596$ ), a agressão psicológica grave do sujeito ( $p=0,219$ ) e do(a) companheiro(a) ( $p=0,476$ ) e, por fim, a agressão psicológica menor do sujeito ( $p=0,386$ ) e do(a) companheiro(a) ( $p=0,348$ ) também não se diferenciaram entre os grupos em que um dos cônjuges controla as finanças, em que ambos controlam ou naqueles em que as finanças são controladas separadamente.

Por outro lado, quando são avaliadas questões relacionadas ao ajustamento conjugal, percebeu-se uma diferença significativa ( $F=8,618$ ;  $p<0,001$ ) para o consenso no relacionamento conjugal naqueles em que o manejo do dinheiro é dos dois ( $m=77,02$ ;  $dp=7,82$ ), diferente de quando é apenas um dos dois que controla ( $m=71,31$ ;  $dp=12,38$ ) ou em casais que possuem finanças separadas ( $m=71,24$ ;  $dp=7,28$ ). A satisfação

conjugal, também, é outro aspecto que se diferenciou significativamente ( $F=6,076$ ;  $p=0,003$ ) considerando as diversas formas de manejo de dinheiro dos participantes. Nesta pesquisa, identificou-se que os cônjuges demonstram-se mais satisfeitos quando controlam o dinheiro juntos ( $m=42,05$ ;  $dp=3,7$ ), enquanto que obtiveram índices menores os participantes que indicaram controle de finanças separadas ( $m=39,95$ ;  $dp=4,81$ ) e aqueles em que apenas um dos cônjuges controla o dinheiro do casal ( $m=38,95$ ;  $dp=3,7$ ).

A avaliação da coesão do casal também apresentou diferença estatisticamente significativa ( $F=9,111$ ;  $p=0,000$ ) quando os participantes mencionaram que o dinheiro do casal era controlado por ambos ( $m=21,61$ ;  $dp=2,57$ ), em comparação a aqueles que apenas um dos dois controla as finanças ( $m=19,26$ ;  $dp=4,35$ ) e dos participantes que manejam o dinheiro separadamente em seus relacionamentos ( $m=19,37$ ;  $dp=4,02$ ). Por fim, quando comparada à expressão do afeto conjugal, identificou-se a existência de uma diferença significativa ( $F=3,312$ ;  $p=0,039$ ), novamente em favor dos participantes que possuem finanças compartilhadas ( $m=18,52$ ;  $dp=2,17$ ). A expressão do afeto é menor nos casos em que um dos dois controla o dinheiro do casal ( $m=17,22$ ;  $dp=3,08$ ) ou quando

possuem finanças separadas ( $m=18,06$ ;  $dp=2,16$ ).

### **Discussão dos Resultados**

Nesta pesquisa, a maioria dos participantes referiu que o manejo do dinheiro do casal ocorre de forma conjunta entre os cônjuges. Pode-se pensar que esses dados já reflitam um cenário diferente em relação às características da tradicional família burguesa, na qual o homem era o responsável pelo sustento familiar e controle das finanças. Tais transformações podem estar ligadas à inserção da mulher no mercado de trabalho e a participação no sustento familiar, um novo cenário em que já se observam mulheres provedoras da família (Perucchi & Beirão, 2007).

Controlar as finanças em conjunto permite aos cônjuges exercitar mais ativamente o diálogo, visto que são levados a conversar sobre o direcionamento que será dado ao dinheiro de ambos. Neste estudo, foram avaliadas variáveis como as estratégias de negociação conjugal, observando-se que os participantes perceberam seus companheiros mais disponíveis para a negociação quando compartilham o manejo do dinheiro. Nesse sentido, manejar o dinheiro em conjunto pode ser favorecedor de um processo de

comunicação assertivo, que permite buscar soluções em conjunto frente aos conflitos inerentes ao relacionamento conjugal (Figueredo, 2005; Skogrand e outros, 2011).

Sabe-se que pesquisas têm mostrado que as questões financeiras estão sendo apontadas como possíveis preditoras de conflito conjugal, seja por dificuldades em conversar sobre dinheiro ou sobre a falta do mesmo, bem como pela inabilidade de falar sobre o direcionamento do dinheiro do casal. Nesta amostra, identificou-se que a presença de violência física (grave e menor), violência psicológica (grave e menor) e coerção sexual (grave) não se diferenciaram conforme as estratégias de manejo do dinheiro. Observou-se apenas uma tendência de correlação no manejo do dinheiro com a coerção sexual menor, a qual encontra-se mais presente nos casos em que um dos cônjuges controla o dinheiro, possivelmente relacionado a questões culturais em que o dinheiro está ligado ao poder / domínio da relação, podendo direcionar um dos cônjuges a certa submissão, inclusive, à sexualidade. Tal achado corrobora pesquisas como a realizada por Zelizer (2011), que se dedicou a estudar a relação entre sexo e dinheiro, referindo que o sexo, muitas vezes, constitui uma forma de submissão daquele que não tem dinheiro, em troca do

sustento material do cônjuge que possui o poder. Todavia, como foi observada apenas uma tendência, sugere-se que futuros estudos dediquem-se ao aprofundamento da temática.

A escala de ajustamento conjugal, através da dimensão expressão de afeto, também se preocupa em avaliar questões ligadas à sexualidade e a intimidade. Nessa análise, foi observado que os casais concordam que existe mais afeto na relação quando os dois podem conduzir o dinheiro de forma conjunta. Quando os cônjuges conduzem o dinheiro separadamente ou apenas um deles é responsável, a expressão de afeto na relação esteve mais comprometida. As informações apresentadas vem a somar com outras pesquisas que já referem o controle das finanças em conjunto associado a maiores níveis de intimidade e melhores avaliações acerca das questões sexuais do casal (Addo & Sassler, 2010; Guimarães, 2007; Hardie & Lucas, 2010).

Observa-se, nesta pesquisa, que os casais apresentam mais consenso e coesão na relação quando manejam o dinheiro de forma conjunta, pois se sabe que atualmente o dinheiro é base para a realização de muitas ações e projetos individuais e conjugais. Quando os dois conseguem pensar, planejar e decidir juntos, acabam participando, naturalmente,

de maneira direta ou indireta na construção da história conjugal. O diálogo na conjugalidade, seja por assuntos relacionados ao dinheiro, ou por qualquer tema, tem se apresentado como uma das principais ações para melhorar os níveis de ajustamento conjugal (Figueredo, 2005). Afinal, é através do constante exercício de se comunicar que os casais tornam-se mais próximos, mais envolvidos e, conseqüentemente, mais satisfeitos com o relacionamento.

A partir disso, observa-se que os cônjuges que conseguem compartilhar não apenas as finanças, mas os investimentos feitos com as mesmas apresentam-se mais ajustados em seu relacionamento. Na presente pesquisa, os dados demonstram maior associação com os aspectos positivos da relação, quando comparados aos aspectos conflituosos ou, até mesmo, relacionados à violência conjugal. Enquanto muitos estudos tratam o tema dinheiro como um fator em potencial para o surgimento de conflitos, nota-se, aqui, o manejo do dinheiro como um aspecto favorecedor do ajustamento conjugal.

### **Considerações Finais**

Avaliar as formas de manejo do dinheiro dos indivíduos em sua

conjugalidade torna-se um aspecto desafiador, ao passo que o dinheiro é uma variável que pode proporcionar comportamentos e sentimentos diversos, seja pela sua falta ou não. As variáveis deste estudo são bastante subjetivas e de difícil mensuração, porém vale a reflexão sobre a importância de estudar esse tema que pode proporcionar aos casais melhores índices de ajustamento ou em casos adversos, pode levá-los a sérios conflitos.

É válido ressaltar que este estudo possui algumas limitações, sendo a primeira delas, uma amostra com um perfil de maior escolaridade do que a população em geral, além da renda que se enquadra na classe A, segundo a CCBE (Critério Brasil de Classificação Socioeconômica). Embora essas características não definam melhores índices de ajustamento conjugal ou ocorrência de violência, sabe-se que o perfil destes participantes instiga maior

propensão ao diálogo e a processos reflexivos sobre suas divergências. Assim, sugere-se que estudos futuros possam ser realizados em diferentes contextos, além de investigar profundamente a situação financeira dos participantes em termos de renda *versus* endividamento, investimentos realizados e assim por diante.

Contudo, visualizaram-se melhores resultados nos casos em que os participantes conseguem administrar suas finanças de maneira conjunta e que esta tem sido uma maneira de direcionar os casais a dialogarem sobre o relacionamento. Nesse sentido, esses resultados podem auxiliar os terapeutas de família a pensar em estratégias de intervenções voltadas para o manejo do dinheiro compartilhado pelos cônjuges, visto ser esse um promotor de melhores níveis de ajustamento conjugal e relacionamentos mais harmoniosos.

### Referências

- Addo, F. R. & Sessler, S. (2010). Financial arrangements and relationship quality in low-income couples. *Family Relations*, 59(4), 408–423.
- Archuleta, K. L. (2013). Couples money, and expectations: negotiating financial management roles to increase relationship satisfaction. *Marriage & Family Review*, 49(5), 391-411.
- Barreto, A. de C., Maluschke, J. S. N. F. B., Almeida, P. C., & De Souza, E. (2009). Desenvolvimento humano e violência de gênero: uma integração bioecológica. *Psicologia Reflexão Crítica*, 22(1), 86-92.

- Barros, L. C., & Jeunon, E. E. (2012). Percepção do significado do dinheiro: um estudo com graduandos de IES privadas. *Revista Gestão e Planejamento*, 12(3), 831-847.
- BRASIL, CNS – CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (2012). Resolução 466/2012 normatiza a pesquisa com seres humanos no Brasil. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF.
- Diniz, N. M. F., Lopes, R. L. M., Gesteira, S. M., Alves, S. L. B., & Gomes, N. P. (2003). Violência conjugal: vivências expressas em discursos masculinos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 37(2), 81-88.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.
- Figueredo, P. M. V. (2005). A Influência do locus de controle conjugal, das habilidades sociais conjugais e da comunicação conjugal na satisfação com o casamento. *Revista Ciência e Cognição*, (6), 123-132.
- Guimarães, C. M. B. (2007). *O meu, o seu e o nosso: o processo de construção conjunta do “compromisso financeiro” do casal de dupla carreira na fase de aquisição do ciclo vital*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP, Brasil.
- Hardie, J. H., & Lucas, A. (2010). Economic factors and relationship quality among young couples: comparing cohabitation and marriage. *Journal of Marriage and Family*, 72(5), 1141-1154.
- Harth, J., & Falcke, D. (2013). *O manejo do dinheiro pelo casal e suas implicações na qualidade conjugal*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Mcgoldrick, M. (1995). A união das famílias através do casamento: o novo casal. In: B. Cartes & M. McGoldrick (Cols.). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2. ed. Artes Médicas: Porto Alegre.
- Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 18(1), 163-176.

- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista SPAGESP, 12*(2), 5-16.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia, 16*(35), 315-325.
- Norgren, M. B. P., Souza, R. M., Kaslow, F., Kammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia, 9*(3), 575-584.
- Pergher, N. K. (2010). Variáveis que devem ser consideradas na avaliação da qualidade do relacionamento conjugal. *Revista Perspectivas, 1*(2), 116-129.
- Perucchi, J., & Beirão, A. M. (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clínica, 19*(2), 57-69.
- Robila, M. & Krishnakumar, A. (2005). Effects of economic pressure on marital conflict in Romania. *Journal of Family Psychology, 19*(2), 246-251.
- Russo, G. (2011). Amor e dinheiro: uma relação possível?. *Caderno CRH, 24*(61), 121-134.
- Skogrand, L., Johnson, A. C., Horrocks, A. M., & De Frain, J. (2011). Financial management practices of couples with great marriages. *Journal of Family and Economic Issues, 32*(1), 27-35.
- Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family, 38*(1), 15-28.
- Straus, M. A.; Hamby, S. L.; Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised conflict tactics scales (CTS2): development and preliminary psychometric data. *Journal of Family Issues, 17*. 283-316.
- Xavier, V. R. (2013). Género y dinero: múltiples matices en la relación de pareja. *Psicologia em Estudo, 18*(2), 363-369.
- Zelizer, V. A. (2009). Dinheiro, poder e sexo. *Cadernos Pagu, (32)*, 135-157.

Zimmerman, K. J., & Roberts, C. W. (2012). The influence of a financial management course on couples' relationship quality. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 23(2), 46-54.

**Apoio:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior–CAPES

**As autoras:**

**Josiane Razera** é psicóloga pela Faculdade Meridional (IMED). Especialista em Dinâmicas das Relações Conjugais e Familiares pela Faculdade Meridional (IMED). Mestre e Doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS). E.mail: [josianerazera@yahoo.com.br](mailto:josianerazera@yahoo.com.br)

**Cláudia Mara Cenci** é Psicóloga pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade e Doutoranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica (PUCRS). Professora da Faculdade Meridional (IMED). E.mail: [claudiamarab@yahoo.com.br](mailto:claudiamarab@yahoo.com.br)

**Denise Falcke** é Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica (PUCRS). Mestrado em Psicologia Clínica e Doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUCRS). Coordenadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E.mail: [dfalcke@unisinobr](mailto:dfalcke@unisinobr)

**Recebido em:** 15/07/2015

**Aprovado em:** 09/09/2015